



Acolhamos o novo que desponta

Que nossas portas, nossas janelas e, sobretudo nossos corações estejam abertos para iniciarmos 2018. É vida que segue com suas surpresas e desafios inundando nosso cotidiano de emoções. O novo sempre encanta.

Difícil foi convencer a caneta a escrever sobre “o novo”; há dias tentava escrever o texto, mas a danada não obedecia ao meu comando. Novo que nada, dizia ela e... parava. Para reforçar seu ponto de vista, recorreu à frase “Não só os homens têm um destino traçado, as nações também” da escritora Ludmila Saharovsky. Quis mostrar-me que esse novo a que me refiro não existe, sobretudo no cenário político do país. Como você quer falar em um “país novo” onde se fala em reformas, mas as mordomias dos políticos continuam? Vai continuar do mesmo jeito – e continuava parada. Como pensar “no novo”, se os ministros velhos ou velhos ministros darão “um jeitinho” para que candidatos condenados por corrupção concorram às eleições? Quer apostar? As leis, minha cara, são brandas para os colarinhos brancos. É certo que alguns corruptos são condenados, mas, infelizmente, por pouco tempo. Logo são soltos. E com esse pensamento, a caneta recusava-se a escrever.

Até que cansei de tanto pessimismo e resolvi tomar a palavra. Concorro com tudo dito anteriormente, mas e a nossa capacidade de resiliência? Sem dúvida, temos passado por desafios imensos, mas o que vai determinar o quanto longe vamos é nossa resiliência, isto é, nossa capacidade de superar dificuldades e de aprender com elas, ensinou-nos o palestrante do Planejamento Escolar 2018, Dr. Celso Lopes de Souza. A resiliência tem um impacto muito maior na vida que o talento. Temos de utilizar essa nossa capacidade nos momentos de dificuldade e também ensinar o aluno a abraçar os desafios sem medo de falhar – aprendemos por meio do erro, concluiu o palestrante.

Nesse Planejamento, fomos, ainda, agraciados com a palestra da Dr^a Patrícia Peck – advogada especialista em Direito Digital que abordou o tema “Escola e educadores: como devem agir nos ambientes virtuais”. Em sua fala, ficou clara a necessidade de professores e de pais mais presentes e mais interativos, a fim de mostrar aos jovens princípios, regras, limites e uso seguro das tecnologias.

Vamos, ainda, pensar na educação como arte para desvendar o novo, isto é, como instrumento para construirmos o país que tanto almejamos. Só ela vai ensinar a população a ficar atenta à folha criminal dos candidatos e a dos serviços prestados à população. Só ela vai impedir que os marqueteiros decidam os resultados das eleições. Para mim, a esperança não é a última que morre. Para mim, ela é imortal!

E voltemos ao início de nossa prosa. O ano de 2017 já ficou para trás; um novo trem parte para a décima segunda estação. Se possível, vamos fazer esta viagem sentados perto da janela deliciando-nos com as maravilhas que a vida nos oferece. A cada estação, um novo cenário abrir-se-á diante de nossos olhos. Vamos nos encantar com a beleza, independentemente do triste cenário que temos presenciado. Sejamos o passageiro mais divertido; não tenhamos medo das curvas e dos abismos. Leiamos o que nos diz Osvaldo Montenegro: “Que a força do medo que tenho/ não me impeça de ver o que anseio”. Acredito no NOVO ANO com Novo Aprendizado. Novos amigos. Novos sonhos. Novo país! Para aqueles que passaram no vestibular, desejo Novos caminhos repletos de alegria e de muito sucesso.

Ficamos uns dias com a escola vazia; vazia de gargalhadas. De sorrisos. Um silêncio... Felizmente, os alunos voltaram e tudo começa DE NOVO! Sejam bem-vindos! O tempo passa... As pessoas passam... e eu, mais uma vez, passei por aqui para prosear com vocês. Para deixar minhas palavras. E sentindo o cheirinho de tinta nova do Ano Novo! Com tanto otimismo, emocionada, a caneta chorava e não parava de escrever. Não se preocupem porque eu afirmei que a caneta chorou. Calma... Lá no livro “O carteiro e o poeta” de Antonio Skarmeta, o carteiro poeta dizia que as redes dos pescadores eram tristes. Caneta que chora. Redes tristes, poesia pura! Sugiro, leitores, nas horas de folga, um pouco de poesia para dar leveza à alma. Lida a poesia, a alma viaja para o mundo encantado dos sonhos, independentemente do que esteja acontecendo no país.

Prof^a. Sueli Palma



Novidades do mês



D. Leopoldina –
Paulo Rezzutti



O Maravilhoso
Bistrô Francês –
Nina George



O Menino do
Vagão –
Pam Jenoff



Citações

Para termos um Feliz Ano Novo, temos de estar dispostos a “matar” o que fomos e a nascer de novo em cada momento da vida. Está aí um desafio. Dos maiores, senão o maior de todos (Rubem Alves).

Na verdade, o intelecto puro odeia a repetição; está sempre atrás de novidades. Uma vez de posse de um determinado conhecimento ele não fica repassando, repassando. Já sei, ele diz, e prossegue para coisas diferentes (Rubem Alves).

Já repararam como é bom dizer “o ano passado”? É como quem já tivesse atravessado um rio, deixando tudo na outra margem...Tudo sim, tudo mesmo! Porque, embora nesse “tudo” se incluam algumas ilusões, a alma está leve, livre, numa extraordinária sensação de alívio, como só se poderiam sentir as almas desencarnadas (Mário Quintana).

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa./ Quando se vê, já são seis horas!/ Quando se vê, já é sexta-feira!/ Quando se vê, já é Natal.../ Quando se vê, já terminou o ano (Mário Quintana).



Sugestão Cultural

Sugestão de Leitura: Sueli Brás Monteiro da Palma, professora corretora de redação, indica a leitura do livro “A bibliotecária de Auschwitz” de Antonio G. Iturbe. Edita Palachova contou para o autor sua vida durante o tempo em que ela permaneceu no pavilhão 31, do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial. Por meio de uma linguagem simples e carregada de dor e de emoção, o autor apresenta-nos não só a história de Adlerova (nome de Edita no livro), mas também um momento crucial da história mundial. Recomendando a leitura porque o romance ainda nos mostra a importância dos livros em nossas vidas, sobretudo pelo poder transformador.

Filmes

O Clube dos cinco - Em um sábado, cinco adolescentes de diferentes classes sociais são detidos no colégio em consequência de terem cometido pequenos delitos. O diretor pede a eles que escrevam uma redação explicando quais seriam os motivos para o castigo. Apesar de serem diferentes, os jovens fazem várias confissões e tornam-se amigos. O Clube dos cinco, ainda em dias atuais, serve para refletirmos sobre os dilemas e aflições dos jovens estudantes. Sobre o roteiro, uma curiosidade, foi escrito em apenas dois dias.

Direção: John Hughes

Data: 1985

País: EUA

Fonte: www.adorocinema.com.br

Que cada dia de 2018 seja um novo aprendizado. Um novo Sonho!

(Sueli Palma)

Texto do mês

"A essência seria esta: neste ano, eu vou pensar - Lya Luft

Mudança de ano, que, com o Natal, para uns é celebração (estou desse lado), para outros, melancolia.

O que nos atrapalha é que alguém inventou que temos de tomar decisões e fazer projetos para esse novo ano. São quase sempre irreais, quase sempre não cumpridos. Aí já nos frustramos neste mundo de tantas frustrações, em que a gente teria de ser bonito, saudável, competitivo e competente, bom de cama e ruim de mesa, e uma lista interminável de "ter de".

Pois eu acho que 2018 pode ser o Ano de Pensar. Bom projeto, boa intenção. Uma só, e já é bastante. Pensar: coisa que tão pouco fazemos, embora seja o que nos distingue das outras feras.

Publiquei recentemente mais um livro para crianças (mas os adultos se divertem), chamado *Criança Pensa*. Com ele respondi, décadas depois, ao duplo lema dos adultos de um outro tempo, de que criança não pensa, criança não tem querer. Hoje tem querer até demais, mas isso é assunto para outra crônica. E pensar, continua pensando, apesar de todos os jogos eletrônicos e programas de computador imagináveis.

Se criança pensa – e pensa lindamente, segundo descobrimos e escrevemos, um de meus filhos, professor de filosofia, e eu –, adultos teriam de pensar ainda muito mais; porém, a gente vai se enquadrando. Família, escola, sociedade e cultura, seja o que isso for, tornam-nos menos pensantes e menos questionadores. Alguns escapam dessa mordida e desabrocham. Podem ser os menos confortáveis, mas são os que movem o mundo.

Pensar não é uma obrigação: é um direito, e deveria ser um prazer. Naquela horinha no ônibus ou no carro, andando, nadando, comendo, não fazendo nada – o que é um luxo, e nós, bobos, pouco saboreamos –, nada melhor do que deixar tudo de lado e refletir, ou deixar as ideias vagando numa atenção flutuante, como dizia Freud. Largar mão, por alguns instantes, dos compromissos, do cansaço, da falta de tempo, da dificuldade em ser feliz, da pouca harmonia consigo e com o mundo, das tragédias, das decepções universais ou pessoais – e dar-se o prêmio de pensar. Para algumas pessoas, parar para pensar não é desmontar.

E ficariam dispensados os dez ou doze ou três propósitos, as intenções fajutas eternamente repetidas – como as de emagrecer, romper ou melhorar o relacionamento, sair de casa, voltar a estudar, vencer na vida, ter filhos, mudar de emprego ou de parceiro, deixar de beber, de fumar, de se drogar com outras substâncias. A essência seria esta: neste ano, eu vou pensar. Em mim, na vida, nos outros, no mundo, em mil coisas ou numa coisa só – que seja realmente importante.

Pensar para ser uma pessoa mais decente; pensar para amar mais e melhor, começando por mim mesma; pensar para votar com mais lucidez; pensar no que de verdade eu quero, se é que eu quero alguma coisa – ou sou do tipo que se deixa levar por desânimo, preguiça ou desencanto?

Pensar simplesmente para criar meu mundo particular, não num ataque de loucura, mas de criatividade, pois o real não existe, existe o que vemos dele. Dentro de certos limites, podemos, cada um de nós, inventar o nosso mundo: sendo mais céticos ou mais otimistas, com aquele grãozinho de loucura necessário para que haja beleza e clareza e não vivamos numa caverna de trevas.

Basta ver como pensam as crianças, ainda livres das nossas inibições. "Fadas e anjos existem, não é?", pergunta-me uma delas. Respondo honestamente: "Para quem acredita, existem". Acredito que, apesar de Copenhague, o mundo não vai torrar (as opiniões dos cientistas divergem), que vamos ter motivo para nos orgulhar de nossos países, que não vai mais haver tanta miséria e cinismo, que os colégios vão ensinar melhor e exigir mais em lugar de facilitar tão absurdamente e despejar tanta gente despreparada no mundo.

Sei que todos algum dia acordamos com a senhora desilusão sentada na beira da cama. Mas a gente vai à luta e inventa um novo sonho, uma esperança, mesmo recauchutada: vale tudo menos chorar tempo demais. Pois sempre há coisas boas para pensar. Algumas se realizam. Criança sabe disso.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
Profª. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Silvia Mamede.
Editoração: Stanley Teixeira Lopes. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Curiosidades de algumas expressões da língua portuguesa

MOTORISTA BARBEIRO

Nossa, que cara mais barbeiro! No século XIX, os barbeiros faziam não somente os serviços de corte de cabelo e de barba, mas também, tiravam dentes, cortavam calos etc., e por não serem profissionais, seus serviços mal feitos geravam marcas. A partir daí, todo serviço mal feito era atribuído ao barbeiro, pela expressão "coisa de barbeiro". Esse termo veio de Portugal, contudo a associação de "motorista barbeiro", ou seja, um mau motorista, é tipicamente brasileira. Nossa, que cara mais barbeiro!

PARA INGLÊS VER

A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto, todos sabiam que essas leis não seriam cumpridas; assim, essas leis eram criadas apenas "para inglês ver". Daí surgiu o termo.

PENSANDO NA MORTE DA BEZERRA

A história mais aceitável para explicar a origem do termo é proveniente das tradições hebraicas, quando os bezerrinhos eram sacrificados para Deus como forma de redenção de pecados. Um filho do rei Absalão tinha grande apego a uma bezerra que foi sacrificada. Assim, após o animal morrer, ele ficou se lamentando e pensando na morte da bezerra. Após alguns meses o garoto morreu.

ANDA À TOA

Toa é a corda com que uma embarcação reboca a outra. Um navio que está à toa é o que não tem leme nem rumo, indo pra onde o navio que o reboca determinar.

NHENHENHÉM

Nheê, em tupi, quer dizer "falar". Quando os portugueses chegaram ao Brasil, os indígenas não entendiam aquela falação estranha e diziam que os portugueses ficavam a dizer "nhen-nhen-nhen".

QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO

Na verdade, a expressão, com o passar dos anos, se adulterou. Inicialmente se dizia que quem não tem cão caça como gato, ou seja, se esgueirando, astutamente, traiçoeiramente, como fazem os gatos.

JURAR DE PÉS JUNTOS

Mãe, eu juro de pés juntos que não fui eu. A expressão surgiu com as torturas executadas pela Santa Inquisição, nas quais o acusado de heresia tinha as mãos e os pés amarrados (juntos) e era torturado para dizer nada além da verdade. Até hoje o termo é usado pra expressar a veracidade de algo que uma pessoa diz.

QUANTA MARMELADA

Usada para designar uma ação desonesta ou algo ilegítimo, a expressão "marmelada" surgiu de uma prática não muito apreciada de fazer com que o doce de marmelo rendesse mais. Um dos métodos existentes bastante usado era misturar o insípido chuchu no doce. Dessa forma, a ilusão de que havia uma grande quantidade de doce era criada, sem que ninguém percebesse o gosto do vegetal. Como essa era uma das formas de enganar os clientes, o termo "marmelada" virou sinônimo de trapaça.

VÁ PLANTAR BATATAS

Usada para demonstrar desprezo por alguém, a expressão surgiu com a Revolução Industrial. Lá pela segunda metade do século XIX, os portugueses que trabalhavam em fábricas eram muito mais prestigiados; já quem trabalhava com atividades rurais era tido como gente desqualificada. Portanto, mandar alguém plantar batatas era uma forma de ofender.

Fontes: [HTTPS://souleitortreconhecedoromundo.wordpress.com](https://souleitortreconhecedoromundo.wordpress.com)
www.Gramática.net.br